



Dora caminha

Marcus Alexandre Motta¹

Está só. Evita a companhia do primo. Passa pela grande praça e se posiciona na reta do caminho. Encontra-se ainda distante, e o tempo é favorável. Levanta os olhos quanto mais se aproxima da majestosa construção. Ao senti-la, põe-se ereta. As linhas dignas do palácio convidam à altivez. Em cada um dos janelões acima faculta haver olhos longínquos. Nos debaixo, reconhece algo de íntimo. Dora altiva, presentemente. Só.

Num delicado caminhar, não cumpre nenhuma pressa. Toca o chão com a sombrinha. Compassa o andar. Caminha como dispõe a juventude e a inteligência que Freud elogia. O vestido arrasta-se levemente no solo. Seus predicados ora acentuam a inocência, ora cultivam os traços do segredo.

Adiante alguns cidadãos sobem, lentamente, as escadas. Cada um daqueles parece pertencer, à distância, à fantasmagoria de uma sociedade orgulhosa em demasia para quem a sente reinar em suas dúvidas sobre o próprio ambiente familiar. Vira a face, calmamente, à esquerda. Aprecia o chafariz. Apenas nota o brilho dos pedaços de gelo que se movem nas águas. Olha à direita, atribui beleza a um outro. Não busca se deter em nada de fato.

Sopra uma brisa calma e o céu está quase limpo, depois da nevasca dos dias anteriores. Algumas nuvens carregadas se colocam no fundo horizonte, acima do prédio, descrevendo a ameaça quando ela assim for necessária. Já está quase lá. Brilha o sol, em dia frio. Nenhuma verdade sobre si lhe traz associações. A memória descansa. A imaginação sorri e Freud é tanto o seu esquecimento quanto, ela, amnésica se encontra.

O vento se faz um pouco mais atuante. Balança o vestido. Com os seus dedos de ar tenta desarrumar os cabelos de Dora. Falta pouco. O amplo espaço e as retas do prédio, que se debruçam sobre área de acesso, confirmam a individualidade, quanto mais o palácio se aproxima. Os braços arquitetônicos, dedicados à ópera, parecem produzir ruídos de drama, formando ângulos retos que indicam o amparo que a construção abona. Sente-se alegre, segura de algo, retendo para si a sensação, no intuito de não perder o bom-tom.

Sobe o primeiro degrau. Ergue mais uma vez os olhos e pressente a atração vertical que a entrada provoca quando alguém começa a se colocar debaixo de sua arquitetura. E, ao mesmo tempo, vê-se ampla, na horizontal. A porta principal avoluma-se, enquanto as outras duas, menores, uma de cada lado, cumprem a situação de acompanhantes.

Sobe devagar, em êxtase contido. Os gestos retraem-se, dando teatralidade a cada um deles, na razão direta da percepção de se estar na boca de cena de um palco posto de pé, a grande porta. As nuvens cinzentas que estavam no horizonte se achegam, criando um ambiente no qual o sol ilumina por entre elas. Está um pouco mais frio.

Alguns degraus ainda estão por vir. Subi-los é mero efeito da natureza de lembrar que falha alguma deforma. Sente-se feliz ao avançar. Quase se emociona quando está sob o umbral da grande porta, levando-a para dentro de si.

Com os suaves murmúrios dos visitantes, se põe estática por um momento, observando os densos efeitos do sensível que a cometem. De novo ouve, sem se dar conta, o próprio nome. Ouve o ecoar na mente como se fosse um prenúncio de uma futura dor de cabeça. Já se posiciona na lateral do palácio, tendo na perpendicular a grande área interna. Desliza o olhar na estátua equestre e, por causa disso, apressa o passo.

Caminha, imprimindo a paisagem arquitetônica em sua perspectiva. Vai na direção da grande porta de madeira que se abre para o museu. Naquela porta, Eros e Psiquê estão a atrair. Uma de cada lado, a cantar, nos ouvidos de cada um, o que há após uma porta com aquele tamanho, em madeira rangente, que aberta convida qualquer um a atuar.

Tem agora o abençoado estado de espírito que a grande sala oferece a quem a penetra. Um momento assim tão calmo é raro. Alguns passos a mais fazem da visão um tour de vontades de ver. A disposição serena e abençoada das paredes da antessala conduz Dora gentilmente.

Um sopro de forma corpórea já se mostra no primeiro quadro que avista. Dirige-se a ele, repousa o olhar sobre a pintura. Percebe a linguagem dos sentidos uma primeira vez, ancorando-a no seu ser moral.

Com os olhos excitados se põe diante da "Vênus Dormindo" de Giorgione. A tela derruba a distinção entre fruir e se distanciar. Percebe que no quadro, a Vênus, no primeiro plano (ou seria a Sra K dos seus sonhos), está delineada com as mesmas linhas que organizam a pequena cidade à direita, se reproduzindo no fundo da tela, nos contornos das montanhas. Dora conhecia essa técnica artística e admirou a destreza do pintor, abençoando-o pelas linhas curvas de um corpo de mulher.

Já estava a caminho de outra obra quando algo a fez retornar ao quadro de Giorgione. A mão que pousa sobre a vulva pagã de Vênus tem a companhia de um tronco de árvore cortado, fálico, posto logo após o quadril divino. Dora se enlaça naquele fato plástico. Quanto mais o olha, mais apreende a situação do fundo da pintura. Detém-se naquilo. Admira e ruboriza. Mesmo assim, não tem como renunciar a percepção.

Lá estão dois cercados de arbustos, abertos a deixar entrar e deter a visão na linha horizontal e última como seios. Bem, a simples versão dos olhos já é uma coisa à parte naquele momento. Há, agora, a experiência de um ainda e ainda seios, como parte da inefável correspondência que a pintura faz valer.

Olha a obra mais uma vez. Repara no repouso da cabeça da deusa. Supõe o tecido vermelho, derramado sobre seda branca, como uma palavra, um verso, um derrame elegante, que distingue a cor nas imediações da luz que surge inevitável do rosto de Vênus.

A forma mitológica, afastada da luta e do esforço, descansa no que sente por ela mesma (por ela mesma?). Acostuma-se à distância daquela forma e frui o tempo como seu espaço vago. Atinge o alto da pintura. As nuvens se encontram calmas. Dá dois passos para se distanciar da obra e, imediatamente após, sorri em canto de boca, lembrando a mão de Vênus.

O significado deixa de ser, ao caminhar por aquela sala. Naquele quadro há uma calma e uma sedução que a acompanham por entre outras pinturas. Ascende-os no coração e os acumula nos olhos. Está a contemplar sobriamente outros quadros, pensando apenas no dia que lá fora se cumpre. Pura se percebe, manchada se admira. Submersa em si, obtém outro

rubor na face. Era jovem e o horizonte da vida ainda não se faz de fundo; ele tão triste, tão longe.

Vira para direita, quase rodando sobre o próprio eixo. É uma jovem mulher. Nisso há o que deve haver: a ocasião em que os olhos, por assim dizer, absorvem ao máximo os fenômenos ao redor. Quase nunca é possível, numa mulher como ela, distinguir com precisão o que é material e espiritual na beleza posta em pinturas. Trabalha, portanto, na frequência na qual as descobertas reforçam sombras de diluídas paixões, como se estivesse a ver os restos de uma colheita já feita antes, mesmo sem saber como a fez.

Anda um pouco mais. É um sonho estar ali, tão antigo como ser mulher. Retém-se. Olha. Evita olhar de novo. Não resiste. Põe-se na frente de Eva de Lucas Cranach. Enxerga-a com a correspondência de um hálito vindo daquela forma corpórea. Recebe aquela forma em algum lugar de si. Quase em suspensão. As linhas do quadro serpenteiam por entre os belos olhos que possui. Aqueles olhos. Aqueles olhos. De quem são?

O corpo de Eva fala simples ao ouvido: pecado. As pernas e os braços alongados em demasia e as curvas delgadas, como serpentes, arranjam a chegada do parentesco entre a víbora e a ideia de mulher. Há de ser, contudo, cristã para acreditar em tal fato. Mesmo quando se duvida, a serpente parece compreender as curvas e pôr em destaque as linhas do fruto em cada detalhe longilíneo do corpo de Eva. A fruta que descansa na mão é exibida à maneira de uma conquista, paradoxalmente. A outra mão segura um galho, como se fosse uma flor, apresentando, na ponta, outro fruto. E a folha da parreira se destaca e se cola em Eva.

Ela, Dora. Jovem mulher para qual tudo deve abranger a sensação, experimentada como uma natureza da qual tem apenas outra sensação mais confusa, traduzindo-a com os poucos recursos da memória. Nesse sentido, aquela natureza se conduz, simplesmente, ao sol ou à lua, num belo desequilíbrio que libera um tom local de liberdade e servidão corporal.

Olha Eva, novamente. Apreende-a nos próprios olhos. Vê com reprovação. Justifica-se pelo que não podia ser. É uma mulher jovem. O fundo do quadro, em negra sombra, promove acabamento abstrato para a sua feminilidade. O fundo da pintura vem a se pôr na folha branca da alma de ser, ela, uma mulher? Quanto mais Dora abusa de sua moral, mais o visível fundo, noturno, do quadro se apresenta como mancha. Mas (quem sabe?), se

outras manchas ali não habitam como solares, ou lunares, insistências de uma profusão sensível de uma homossexualidade em derradeiro gozo dos lábios ao tocar seios e frutos, mesmo quando é apenas imaginação.

Há de haver em Dora o fato de uma compreensão. O mundo de Dora é aquele no qual o empobrecimento das coisas ganha uma substancialidade uniforme. Está ali, historicamente, no momento em que a noção de eu interior, cunhada no Romantismo, prontifica o estatuto de natureza humana e, nunca mais, é destituído do valor correspondente. Está ali quando os contatos com as coisas perderam significados. São as coisas em seu adeus que promoveram a noção de eu interior.

Era um espaço ainda arejado, o tal eu interior, ainda no Romantismo. Lá moradores novos entram e ficam. Primeiramente admitidos; depois, como ancestrais habitam. Porém, na época de Dora, a vida interior se torna nada mais do que vida mal-assombrada. Cada indivíduo passa a ser a síntese da história da humanidade. Tudo que pode pertencer a todos, há de ser contido por cada um. Em cada um, há abundância profusa de elementos contraditórios. Por fim, o eu interior se põe visível e não há outro modo que não seja aquele que promove a possibilidade do surgimento da psicanálise.

Dessa forma, o enigma do sofrimento inclina a libido na direção das coisas mais uma vez, sem a intimidade que antes tinham e prometiam. A extrema urgência para os objetos, sejam coisas ou pessoas, nada mais parece do que um luto antecipado pela certeza da morte quando da conquista. Eis o lamento dilatado, cujo gemido de um eu transbordante se ampara nas coisas e pessoas, com elas, como objetos, a internalização e o estranhamento, um único e mesmo processo, cavam vazios existências que dão prova da ruína por fim.

Dora está ali. Ali? Observa Eva. No rosto da primeira mulher, os olhos puxados comungam o traço da serpente. Seu coração pensa. Nas recentes proezas do pensamento, embora liças, o aviso se faz. Atravessa o fundo sombrio do quadro, uma vez por todas, e em cada má palavra que ousa pensar nada diz que não fosse: essa busca não é para mim. Ao retirar os olhos daquele fundo, o extrato do pecado toma-a de baixo para cima. Retira-se sem mais, aguardando que ninguém houvesse percebido; mas quem pode perceber?

Através daquilo esforça-se para ficar parada, sem se dirigir para nenhum lugar. Está meio suspensa diante de si mesma, esforçando-se para sair das alternativas imaginadas e novamente imaginadas. Talvez nem tivesse tanta consciência, pois as sensações femininas,

estranhas e comuns a ela, obrigam-se numa presença que reside em sua natureza corporal e na inteligência que comunga, sem se identificar com nenhuma delas.

Se há o que se pode ter alguma certeza é: o poderoso mundo dos olhos, numa mulher jovem, mulher?, não é um equilíbrio entre a criação de ideias e a percepção, mas entre a meia-criação de ideias e plena-percepção antecipada de uma Cassandra, que nem a mulher que a tem acredita. Algo como o orgulho da queda, um tanto de medo do tempo, cujo reforço é o enigmático e o antecipado de um oráculo, na medida de uma autoilusão que presente e se preserva como um segredo. Assim Dora. Assim, quem sabe?, muitas outras.

ⁱ **Marcus Alexandre MOTTA, Prof. Dr.**
Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)
marcusalexandremotta@globo.com